

Opinião Econômica

Cecilia Machado

Economista-chefe do Banco BoCom BBM e professora do departamento de economia da PUC-Rio

banrisul

O desafio é grande, e soluções mágicas, perigosas

Nos últimos quatro anos, a dívida bruta do governo saltou de 71,7% para 82,9% do PIB, o maior nível desde 2021, sinal de que as nossas regras fiscais não foram capazes de dar previsibilidade à trajetória da dívida nem de ancorar as expectativas sobre a solvência do Estado.

Quando o novo arcabouço foi lançado, em 2023, as simulações do próprio governo projetavam a estabilização da dívida em 76,5% do PIB em 2026, e uma trajetória de queda caso os juros recuassem. Os juros, ao contrário, subiram.

E não por acaso: os estímulos fiscais exigem juros mais altos para combater seus impactos inflacionários. Além disso, quando a dívida cresce sem perspectiva crível de estabilização, quem a financia passa a exigir retornos maiores, que encarecem seu carregamento e a fazem crescer ainda mais. Apostar na queda dos juros sem o ajuste que a viabilizaria é tomar a consequência como premissa. Daí a tentação de acreditar em soluções mágicas, que não imponham custos a ninguém. Mas essas soluções são ilusórias, e costumam deixar a conta ainda maior. Vamos a elas.

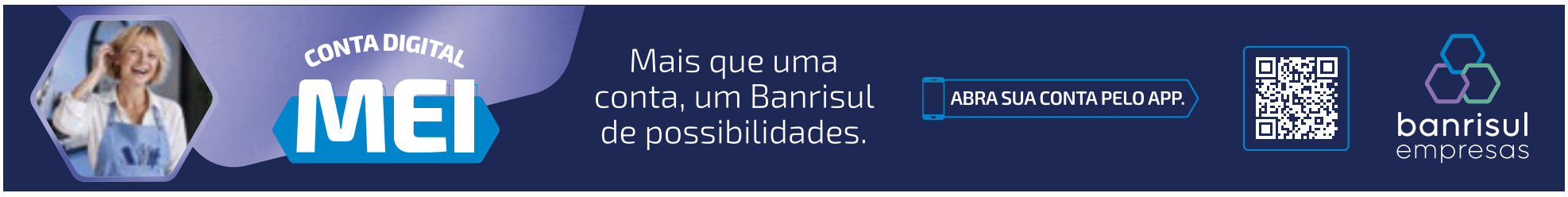
A primeira é acreditar que basta deixar o arcabouço mais rígido, mantendo o ajuste pela arrecadação. Esse caminho já foi testado: boa parte das receitas veio de ganhos pontuais, enquanto os gastos obrigatórios cresceram mais rápido do que a regra permite e o que não coube na meta foi deixado de fora. O que sai da conta da meta não sai da conta da dívida. Sem revisão das despesas, a dívida seguirá crescendo.

A segunda é elevar a meta de inflação. A ideia de que uma meta mais alta abre espaço para juros menores é intuitiva, mas não se sustenta. Mudar a meta sinaliza que ela pode ser mudada de novo, e empresas e trabalhadores passam a reajustar preços e salários esperando mais inflação. Com expectativas mais altas, o Banco Central precisa de juros maiores, e não menores. Essa discussão já cobrou seu preço: em 2023, o simples debate sobre a meta desancorou as expectativas e adiou o início dos cortes de juros. Por que reabri-la agora, com as expectativas fora da meta e em uma conjuntura ainda mais desafiadora?

A terceira é contornar a autonomia do Banco Central através de indicações politicamente alinhadas. Elas podem parecer um caminho fácil para juros mais baixos, mas tendem a entregar o contrário: uma autonomia que só existe no papel compromete a credibilidade da instituição no combate à inflação e torna ainda mais difícil trazê-la para a meta.

A quarta é acreditar que subsídios de preços, como nos combustíveis, são a melhor forma de preservar o poder de compra da população e de conter a inflação. Um subsídio universal custa caro porque chega a todos, inclusive aos mais ricos, enquanto o apoio direto a quem mais precisa tem custo fiscal muito menor. Além disso, os preços devem preservar o sinal de escassez: os combustíveis ficaram mais caros, e as pessoas precisam incorporar isso às suas escolhas de consumo e de deslocamento. Represar preços não elimina a alta, apenas a adia - e transfere seu custo para as contas públicas.

Ajustes fiscais sem revisão de gastos, meta de inflação mais alta, indicações políticas para cargos técnicos e preços represados têm algo em comum: prometem alívio imediato e empurram o custo para frente. O ajuste precisa vir de medidas com efeito permanente, a começar pela revisão dos gastos. O desafio é grande, mas não é intransponível.



Mantova abre mercado na Índia e investe na fabricação de tubos plásticos de alto desempenho

Indústria de Caxias do Sul amplia presença no exterior ao fornecer peças para multinacional

/ EXPORTAÇÃO

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

A Mantova Indústria de Tubos Plásticos, de Caxias do Sul, realizou em outubro seu primeiro embarque de produtos para a Índia, ampliando a presença internacional e chegando ao mercado asiático. A operação, que terá um segundo envio ainda neste ano, envolve tubos plásticos técnicos de alto desempenho, desenvolvidos e fabricados no Brasil para atender a projeto industrial de uma multinacional do setor de linha branca, com a qual a empresa já mantém relação comercial consolidada.

Segundo o diretor Afonso Vicenzi, os dois primeiros lotes são de pequenos volumes, que estão sendo submetidos a testes e validações. Mas já há sinalização de de pedidos para 2027 com lotes mais expressivos. "Isto evidencia que não se trata de algo pontual, mas um contrato contínuo", comemora, já antecipando que a empresa prepara investimento avaliado entre R$ 3 milhões e R$ 5 milhões para aquisição de equipamento que será destinado exclusivamente a atender este cliente.

Vicenzi estima que o equipamento, a ser importado da China, esteja instalado até a metade do próximo ano. A tecnologia usada foi desenvolvida e patenteada pelo cliente. Ela substitui tubos metálicos por matéria-prima de alto desempenho, conhecida como fluoropolímeros, que reduz custos, ruídos e peso, além de agregar maior eficiência ao componente.

Para o executivo, o fornecimento surgiu da confiança construída com o cliente e de sua decisão de contar com a indústria gaúcha também em uma operação internacional.

"Saber que uma solução desenvolvida e fabricada aqui em Caxias do Sul está sendo utilizada em um projeto industrial na Índia mostra até onde podemos chegar. É também um reconhecimento da confiança que construímos com os clientes ao longo dos anos", afirma.

LEANDRO ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC



Empresa estima um crescimento de 10% em 2026 ante o ano anterior

Outro investimento encaminhado é a construção de nova unidade em Caxias do Sul, com 10 mil metros quadrados de área construída, mais do que o dobro da atual.

O projeto está aprovado e a construtora contratada para início das obras, que depende de liberação por parte da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade. Além de Caxias do Sul, a Mantova tem fábrica no México, responsável pelo atendimento dos mercados das Américas Central e do Norte.

Projeções são otimistas para o ano que vem

O faturamento da Mantova é diluído em vários segmentos industriais. O mais representativo, que deu início à empresa, é o de automação, com participação de 30%. Ainda é significativo o conteúdo voltado à indústria automotiva de veículos pesados, como caminhões, implementos, máquinas fora de estrada e equipamentos agrícolas, atendendo os mercados original e reposição, incluindo montadoras e sistemistas. A linha branca também é atendida pela empresa.

Um dos mais novos itens do portfólio atende a atividade médico-hospitalar, que hoje representa entre 5% a 10% da receita, mas com grande potencial de crescimento. As exportações representam 15% do faturamento e se concentram na Argentina, Uruguai e Chile.

Com quadro formado por 80 funcionários em Caxias, a empresa projeta crescimento de 10% sobre 2025. A Mantova processa uma média mensal de 100 toneladas de diferentes polímeros, com destaque para o poliuretano.